



## DANÇA E PRECONCEITO: visão heteronormativa sobre a prática da dança por indivíduos do sexo biológico masculino.

**PEREIRA, Rômulo Gonçalves de Carvalho<sup>1</sup>**

<sup>1</sup>Discente do curso de Bacharelado em Educação Física da Faculdade de Ciências Sociais e Agrária de Itapeva

**LEITE, Regina Aparecida de Almeida<sup>2</sup>**

<sup>2</sup>Docente do curso Educação Física da Faculdade de Ciências Sociais e Agrária de Itapeva

### RESUMO

O presente estudo demonstra através de reflexões teóricas a denominação de dança, gênero, heteronormatividade e a visão machista e sexista sobre a dança por indivíduos do sexo masculino, revelando preconceitos internalizados perante esta arte, dando como exemplo o filme *Billy Elliot* (2000). Também é composto por uma pesquisa em forma de questionário realizado com os indivíduos do sexo biológico masculino de um grupo de danças urbanas da cidade de Itapeva-SP que se adepta ao *Femme Style*, averiguando, pela visão deles, se ainda há essa visão deturbada sobre homens na dança.

**Palavras chave:** Dança, Preconceito e Heteronormatividade.

**Tema Central:** Educação Física (Dança e Diversidade).

### ABSTRACT

The present study demonstrates through theoretical reflections the denomination of dance, gender, heteronormativity and the machista and sexist view on dance by male individuals, revealing prejudices internalized before this art, giving as an example the film *Billy Elliot* (2000). It is also composed of a questionnaire survey conducted with male biological subjects from a group of urban dances in the city of Itapeva-SP who is adept at *Femme Style*, ascertaining, by their view, if there is still this disturbed view on men in the dance.

**Keywords:** Dance, Prejudice and Heteronormativity.

## 1. INTRODUÇÃO

A dança, como qualquer outra prática social, pode ser vista como elaborada pelos discursos e representações que dão sentido à vida social. Por utilizar o corpo como parte principal da sua mensagem estética, a dança está fortemente envolvida

nos processos de linguagem que operam na construção cultural do corpo. Os movimentos, os gestos e as posturas corporais são culturalmente diferenciados de acordo com cada uma dessas identidades sociais, relacionadas ao gênero, à classe, à etnia, à geração, à sexualidade, etc, e que nessa perspectiva, o corpo é o local de inscrição dos discursos e representações culturais, que por meio da construção de diferentes “marcas” corporais, posicionam os sujeitos em lugares sociais específicos (ANDREOLI, 2010).

A palavra “gênero” nos traduz uma ideia de atribuição sociocultural na definição do sexo, o que cria essa ficção de feminilidade e masculinidade dentro da noção de uma heterossexualidade obrigatória e naturalizada. Isto se faz por meio das práticas de um desejo heterossexual estável que vai em direção ao outro, resultando na consolidação da coerência entre sexo, gênero e desejo, onde mesmo aplicada aos fatores externos, essa identidade de gênero, que é o sentimento do indivíduo quanto ao sexo que possui, em alguns casos, pode não ser aquele que biologicamente tem no registro (SANTOS E ORNAT, 2017; BANA, 2016)

Afins de esclarecimento, a definição de sexo e gênero são completamente diferentes. GOMES (2015) contesta que a compreensão de sexo corresponde a estruturação biológica determinada pela morfologia somática, órgãos, genitália externa, hormônios e os fatores que contribuem para as diferenciações entre ambos (sexo masculino e feminino) para com a sociedade. Sendo gênero, a construção e representação social de um sujeito perante a sociedade na qual está inserida, essa que solidificou a relação estreita do sexo masculino e feminino “macho-fêmea” para com o gênero masculino e feminino.

A heteronormatividade é o nome dado ao dispositivo cultural de poder, que age através do gênero, com vistas a produzir corpos heterossexuais, e que legitima processos de diferenciação produtores de desigualdade social: a homofobia. Assim, a construção da identidade de gênero de um homem se dá pela constante afirmação da oposição hierárquica entre masculinidade e falta de masculinidade. O oposto de masculinidade não é a feminilidade, mas efeminação e o homem efeminado é o homem cujo gênero e a sexualidade estão degradados, ou seja, a homossexualidade. (ANDREOLI, 2010).

Diante do exposto, este presente trabalho apresenta como objetivo mostrar a relação heteronormativa existente entre homem e a dança e revelar os preconceitos internalizados dentro a sociedade sobre o homem que dança.

## 2. DANÇA E PRECONCEITO

A associação entre dança e falta de masculinidade aparece muito forte na cultura brasileira. Desse modo, na dança, é como se o interesse de sustentar um modelo heterossexual masculino, fosse um elemento de hierarquização e regulação de gênero. A partir daí, surge a noção de que homens que se aproximam da dança não são “totalmente” homens. E essa noção está mais relacionada ao balé e às danças dele próximas (dança moderna, jazz, dança contemporânea), do que ao hip hop, às danças tradicionalistas gaúchas ou danças de salão, por exemplo. No caso específico do hip hop, embora seja aceito que o homem dance esse estilo, ele deve fazê-lo, a todo momento, reafirmando determinadas características consideradas próprias de um homem viril: força, destreza, coragem, etc. E até as músicas, as roupas, os movimentos coreográficos, as acrobacias e as cores devem sempre reafirmar, produzir e manter a masculinidade verdadeiramente hegemônica, o que articula esse tipo de dança também à homofobia. (ANDREOLI, 2010).

Os conflitos que emergem frente aos preconceitos relacionados aos papéis de gênero passam também pela questão da docência, onde os professores de dança costumam reclamar que, principalmente depois da primeira infância, poucos meninos matriculam-se voluntariamente em suas turmas. Dessa forma, torna-se razoável conceber que os estereótipos sociais de masculinidade interferem negativamente na forma como os professores, pais e alunos relacionam o conteúdo da dança na perspectiva da cultura ocidental. (BRUNO, 2018)

STINSON (1998) afirma que mesmo se tivéssemos uma quantidade maior de professores homens de dança, isso não necessariamente significaria que os meninos se sentiriam mais à vontade para ver a dança. Parece que estamos preocupados com o fato de que tais ideias sobre homens e dança mantenham afastados os heterossexuais que poderiam dar status a nossa profissão. O medo da

homossexualidade – a própria ou a dos outros – realmente pode afastar potenciais estudantes de dança do sexo masculino. Entretanto, o problema não é a homossexualidade, mas as atitudes que as pessoas adotam a respeito do assunto.

A relação entre dança e masculinidade tem sido discutida e tratada em pesquisa e na cinematografia. Esse é o caso do filme *Billy Elliot* (2000), de Stephen Daldry e roteiro de Lee Hall. Nele, o garoto Billy (Jamie Bell) de 11 anos que praticava boxe por influência da cultura local e, especialmente, por conta da tradição da constituição identitária masculina de sua família, se depara com o balé clássico, que desperta no personagem o completo deslumbramento. Para o protagonista, as aulas de balé eram mais agradáveis e desafiadoras do que as de boxe, compostas de golpes e força, pelas quais não demonstrava interesse e disponibilidade corporal e subjetiva. O filme destaca o conflito familiar como ponto central. O menino precisa enfrentar o preconceito do seu irmão mais velho Tony (Jaime Draven) e seu pai, viúvo, Jackie (Gary Lweis), pois dentro da perspectiva da família, o ballet era uma atividade feminina e Billy não poderia exercê-la. Praticando o ballet clássico, ele poderia ser confundido com homossexual ou evidenciar que poderia estar aflorando uma sexualidade homossexual. Este é um fenômeno que transcende a ficção e é corriqueiro na cultura brasileira. (BRUNO, 2018; GONÇALVES, 2014)

### 3. MATERIAL E MÉTODOS

Ao modo de contextualizar com a realidade presente em nossa sociedade, foi aplicado um questionário com 6 dançarinos, do sexo biológico masculino, participantes do grupo de danças urbanas *Venus Dance*.

O grupo de dança *Venus Dance* foi criado em agosto de 2016 e surgiu com a necessidade e o intuito de propagar e firmar a liberdade de expressão daqueles que a buscam e muitas vezes tem suas vozes silenciadas. Com temáticas voltadas ao empoderamento LGBT, a liberdade de gênero e ao feminismo, o grupo explora cada segmento e transforma cada coreografia num discurso que leva à reflexão do poder da expressão artística como via única do afrontamento ao convencionalismo,

transmitindo a mensagem que, assim como a cultura, as pessoas também têm de se reinventar.

Essa escolha foi feita por conta do presente grupo, mesmo sendo da área das danças urbanas, eles optam por apresentar-se sempre com o *Femme Style* (*waacking, vogue, stiletto e jazz funk*). *Venus Dance* é um grupo constituído por 14 membros, entre eles homens homossexuais e mulheres cis e trans.

O instrumento de pesquisa utilizado para a coleta dos dados trata-se de uma adaptação do questionário aberto que foi aplicado na monografia de conclusão de curso de bacharelado em Educação Física, na UFSC, pelo discente Igor Valentim Bruno, de Florianópolis – SC, em 2018.

O questionário é dividido em quatro categorias para auxiliar na análise e interpretação das respostas, que são:

- Categoria A: a identificação do praticante;
- Categoria B: sua relação com a modalidade;
- Categoria C: perspectivas na esfera familiar;
- Categoria D: conteúdos específicos sobre concepções de gênero masculino.

Para evitar qualquer tipo de constrangimento, foi permitido que na categoria A, os entrevistados utilizassem um nome fictício ou apelido.

Após um breve questionamento sobre a participação deles, foi criado um grupo via *Whatsapp*, para uma comunicação mais fácil e rápida, onde foi encaminhado o questionário, os integrantes tiveram 3 (três) dias para responder (20, 21 e 22/09) aproveitando o feriado municipal.

Os resultados foram brevemente lidos afim de ter uma perspectiva das respostas e posteriormente lidos novamente para destacar pontos relevantes e tabulá-los para uma melhor compreensão.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

- Categoria A: a identificação do praticante.

Nome fictício ou Apelido	Vittar	Allan	Matheus	Otávio	Lima	Nick
--------------------------	--------	-------	---------	--------	------	------



Idade	20	17	22	19	25	23
Sexo	Masculino	Masculino	Masculino	Feminino	Masculino	Masculino
Escolaridade	Ensino Médio Completo	Cursando Ensino Médio	Cursando Licenciatura em Pedagogia	Cursando Design de Moda	Cursando Arquitetura e Urbanismo	Superior Completo
Naturalidade	Itapeva-SP	Itapeva-SP	Itapeva-SP	Itapeva-SP	Itapeva-SP	Itapeva-SP

Quadro 1: Identificação

- Categoria B: sua relação com a modalidade.

Questões A	Motivos Aderência	Permanece e desde quando	Diferencial do grupo	Ocupação profissional	Tempo na semana	Satisfação na sua cidade
Vittar	Vontade pessoal	Expressar sentimentos; há quase 8 anos	Movimentos mais jogados, sensuais e criativos	Sim	2x por semana	Há muito preconceito e rivalidade entre os grupos
Allan	Esquecer problemas e desestressar	Estar feliz com amigas verdadeiras e emagrece; há 9 anos	Dançar estilo não só feminino, quebrar preconceitos	Sim	Vive dançando em casa e, finais de semana com o grupo	Talvez, os outros grupos deveriam estudar mais esses estilos
Matheus	Por gostar e expressar sua vontade	Válvula de escape e ser ele mesmo; há 7 anos	Estilos "femininos" ou da "cultura gay" quebrando normatividade	Sim, profissional, artística, política, de resistência e acolhimento	Agora não muito mas sempre que possível	Visão e reprodução deturbada e um tanto preconceituosa
Otávio	Forma de se expressar sem culpa	Realização pessoal; há 12 anos	Não ficam presos em estereótipos pré-estabelecidos	Sim e reconhecimento e formação através da arte	Não muito tempo, devido trabalho, faculdade e vida pessoal	Padrões normativos e preconceituosos fazem a arte ser desvalorizada
Lima	Por instinto	Forma de se expressar e ser quem quiser; há 7 anos	Dançar sem questão de gênero	Sim	Indiretamente os 7 dias da semana	Poucos entendem, visão deturbada e não aceitam entre as danças
Nick	Consciência corporal e desestressar	Amor a si próprio na dança; desde final de 2012	Naturalidade, sem barreiras estéticas	Sim, um enriquecimento profissional	Finais de semana	Difícil dizer, sem relevância quando não elitizada e sem distinção nas danças urbanas





Quadro 2: Relação com a modalidade

- Categoria C: perspectivas na esfera familiar.

Questões B	Incentivo Familiar	Investimento	Discriminação	Influência Identidade de Gênero
Vittar	Sim, minha mãe e muito	Sim	Não	Sim, sempre apoiam em tudo
Allan	Não, possuem mente muito fechada, mas estão começando a aceitar	Sempre pagam os figurinos	Sim, principalmente pelo irmão e pelo pai	Não
Matheus	Sim, muito	Sempre auxiliam com viagens e figurinos	Sim, claro, por conta do <i>waacking</i> e <i>vogue</i>	É o oposto da expectativa deles, mas sempre houve respeito
Otávio	Sempre incentivaram e apoiaram	Não em questão formação acadêmica	Parte da família sim, mas não com os pais	Sim, a questão da transexualidade
Lima	Sempre	Sempre tentam ajudar	Familiares importantes não, mas sim na escola	Família sempre entendeu
Nick	Não necessariamente	Na graduação em dança	Não que tenha importado	Família não faz ideia do que seja identidade de gênero

Quadro 3: Esfera familiar

- Categoria D: conteúdos específicos sobre concepções de gênero masculino.

Questões C	Dificuldades estereótipos masculinos	Equidade masculino e feminino	Discriminação com homens que dançam	Papéis de gênero pré-estabelecido	Desejo em mudar papéis de gênero
Vittar	Sim	Mais homens	Sim	Sim	Sim
Allan	Sim e muito	Mais homens	Sim	Sim	Sim
Matheus	Sim, com certeza	Mais homens	Homens que fogem do "padrão", sim	Sim	Mais afinidade e ama o estilo <i>Femme</i>
Otávio	Não tem vivência em grupo antes do Venus	Mais mulheres	Certamente	Nunca presenciou essa divisão	Sempre dançou sem divisão de papéis



Lima	Sempre	Danças Urbanas equilibrado, Clássico menos homens	Sim	Sim	Sempre
Nick	Sempre permeava entre ambos	Clássico desigual, Danças Urbanas equilibrado	Sim	Clássico sim	Dançava o designado, sem distinção de gênero

Quadro 4: Conteúdo específico

Pontos em comum: Todos os participantes estão envolvidos com a dança desde a infância, são homens homossexuais e uma mulher trans entre 17 - 25 anos de idade e são praticantes regulares de dança com carga horária  $\geq 3$  horas semanal e levam a dança como uma ocupação profissional.

Nas questões A, mediante as respostas recolhidas, todos os entrevistados aderiram a dança por questões de autoconhecimento e se expressar, e alguns até para desestressar da correria do dia-a-dia. Mostram também que, apesar do estilo do grupo ser mais sensual, criativo e sem distinção de gênero, não são muito bem vistos pela falta de conhecimento dos outros grupos que acreditam que esses estilos não se encaixam nas danças urbanas, possuindo uma visão deturbada e até preconceituosa sobre eles.

As questões B, trata-se de questões familiares, e foram observados que a maioria sempre possuiu apoio da família para a prática da dança, porém um dos entrevistados, Allan, comenta:

*“Não, [...] pois eles são de igreja que meio que proíbem essas atitudes como dança, mas ultimamente eles estão começando a aceitar mais”.*

E esse mesmo entrevistado depois comenta que já sofreu discriminação por parte do irmão e do pai, enquanto os outros entrevistados comentam *“família que me importe, não, só na época escolar”*, *“parte da família sim, mas não com os pais”*, *“não que tenha importado”*. Quando perguntados sobre a influência da família para a constituição da identidade de gênero, destacamos a fala de Otávio:





*“Sim, a questão da minha transexualidade e o fato de sempre obter o apoio e o reconhecimento dos meus pais em diversas maneiras, foi algo que contribuiu muito para me tornar a pessoa que eu sou hoje e criar laços com pessoas que partilham da mesma vivência que a minha.”*

Já as questões C, é o ponto de contato entre a pesquisa em si e a trajetória dos dançarinos entrevistados. Diante a primeira pergunta que questionava se a existência dos estereótipos masculinos foram uma dificuldade, e Matheus comenta:

*“[...] No grupo anterior sempre haviam aquelas classificações sexistas entre homens e mulheres, estilos masculinos e femininos e assumir posturas desses dois polos. Havia muitos discursos homofóbicos, tóxicos e até misóginos. [...]”*

Quando questionados sobre a igualdade de homens e mulheres perante a dança, a resposta dada por Nick, foi a que melhor resume o que realmente acontece:

*“A equidade entre homens e mulheres nas danças clássicas nunca aconteceram, mas nas danças urbanas sempre houve uma participação igualitária”*

Apesar de estarmos no século XXI, onde a tecnologia leva informação a todos e estamos em constante mudança, questionamos se eles percebiam a existência de discriminação com homens que dançam. Apesar de descreverem de maneiras diferentes, Matheus, Otávio e Lima, respectivamente, disseram a mesma coisa:

*“Em relação aos homens cis, acho que não há uma pressão tão exacerbada, pois estes, na maioria das vezes, assumem aquela postura de “macho”, “mano”. Acredito que os mais suscetíveis às discriminações são homens que fogem desse padrão.”*

*“Certamente, falando de algo que sempre foi padronizado e normativo. Homens que saem desse estereótipo, passam a ser discriminados.”*

*“Sim, qualquer tipo de arte é visto por seres não desenvolvidos intelectualmente como coisa de “viado”.”*

Diante a papéis de gênero pré-estabelecidos pelos coreógrafos/professores, Lima ressalta que:

*“Nas danças urbanas haviam momentos que o coreografo pedia “sejam másculos” ou “você não podem dançar como meninas”. No clássico ocorre com*



*mais frequência essa distinção, porém você percebe que muitas vezes a forma como lhe é apresentado essa distinção não tem teor homofóbico ou machista, pelo menos pela parte do coreógrafo.”*

Questionamos se ao longo da trajetória deles na dança, se já tiveram vontade de dançar sequências que foram destinadas ao público feminino, a maioria disse que sim, porém as respostas de Vittar e Matheus discorrem juntas:

*“[...] eu acredito que não existe isso de, cada um dançar o estilo específico, a dança é como um desafio, e temos que nos jogar em todos os estilos.”*

*“Creio que não existem sequências destinadas aos públicos masculinos e femininos, mas sim, que o artista deve ser sempre desafiado e se desprender dessas amarras de gênero. [...]”*

E, se referindo ao grupo, Lima completa:

*“[...] dança é algo para se expressar e essa segregação de feminino/masculino para mim é errada, por isso existe o Venus para sermos quem quisermos ser.”*

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando tratamos de indivíduos que dançam *Femme Style*, como o grupo Venus Dance, os consideramos como sujeitos que promovem práticas de resistências e existência artístico-político-social, na medida em que expressam suas identidades LGBT+ e feminista em contextos de violências opressoras.

É proveitoso tomar a concepção de gênero como uma ferramenta para averiguar o que a dança nos informa sobre como os corpos são produzidos dentro desta prática social que é constituída por representações de gênero e de sexualidade, tendo como ponto principal os jogos de poder que estão incluídos, mostrando-nos o quanto a prática desta arte é constituída por discursos machistas, homofóbicos, heterossexistas ou heteronormativas.

Apesar de vivermos em um ambiente estruturado por leis que garantem os direitos de liberdade e a igualdade, nossa atuação em sociedade nos expõe de tal maneira onde o corpo torna-se mais social que individual, ou seja, todos estamos

sujeitos à discriminação, seja por estrutura física corporal, cor de pele, situação econômica, sexo, gênero e outros fatores.

Com os resultados obtidos nos questionários em junção ao referencial teórico notamos que é necessário pensar em estratégias de intervenção pedagógica e de processos criativos em dança que possam, de alguma forma, modificar os padrões culturais dominantes, uma vez que esses parâmetros criam hierarquizações e desigualdades sociais, para reduzir essa visão heteronormativa que há sobre essa forma de arte. Dessa forma, é possível pensar na dança como uma prática sócio-política, não só apenas como meio de expressão individual e artística.

## 6. REFERÊNCIAS

ANDREOLI, G. S. **Dança, gênero e sexualidade: um olhar cultural** - Conjectura, Caxias do Sul, v. 15, n. 1, p. 107-118, jan./abr. 2010.

BANA, I. **Bullying, homofobia e responsabilidade civil das escolas: uma análise sob a proteção dos direitos da personalidade**. 1ª Edição. Barigui, SP: Editora Boreal, 2016.

BRUNO, I. V. **Concepções heteronormativas de gênero masculino e suas implicações nas aulas de dança** – Florianópolis: UFSC, 2018.

GOMES, L. H. O. **Dançando o ritmo do preconceito: uma análise do estilo waacking com enfoque no sexo masculino** – Rio Claro: UNESP, 2015.

GONÇALVES, A. O. G., **SEXUALIDADE, MASCULINIDADES E DANÇA: o preconceito e o (des)respeito ao bailarino numa incursão aos filmes Billy Elliot e Dzi Croquetes**. In Org. FREITAS, E. M. de; MARTINEZ, F. J.; MENDES, L. M. G., *Gênero, Sexualidade e Corpo* – Goiânia: UFG/CIAR; Gráfica UFG; 2014.

SANTOS, A. E. C. dos; ORNAT, M. J. **Pelo espelho de Alice: homofobia, espaço escolar e prática discursiva docente**. 1ª Edição. Curitiba, PR: Editora Appris, 2017.

STIONSON, S. **Reflexões sobre a dança e os meninos**. In: DANCE AND THE CHILD INTERNATIONAL CONFERENCE, 7th, Julho de 1997, Finlândia. **Anais...** Finlândia, Vol. 9, nº 2, p. 55-61, Junho de 1998.